

Please slide right for ENGLISH VERSION

01 ABRAPR — 10 SETSEPT

30

ANOS

1993
2023

CASADACERCA

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre



Maria José Oliveira

O CORPO
CONTENTOR
THE BODY-CONTAINER

Os pés descalços sobre o chão, cobertos de terra barrenta, vermelhos, pesados, caminham sobre um pano cru. Dançam, correm, repisam as pisadas anteriores. Os pés que carregam o peso, o corpo, toda a humanidade, que carregam agora o passado e o futuro. Pés que assentam na terra, que sentem o seu pulsar, a sua energia e vitalidade. Pés que descobrem a caverna, que procuram o vulcão, que encontram as origens. São estes pés que nos acolhem e nos indicam o caminho para a descida à Cisterna, onde encontramos uma escultura em barro cru em forma cónica que contem leite imaculadamente branco. Uma mama cheia de leite materno, em pleno momento de fertilidade. Uma mama-contentor geradora de vida. Fonte de transformação e de regeneração: dos corpos que dela se alimentam e que com ela se transformam. No centro da terra está este Corpo-contentor de Maria José Oliveira (MJO) que nos convoca a um encontro com o corpo-ancestral (feminino), corpo-origem, corpo-mãe, corpo-alimento, corpo-ritual, corpo-xamânico.

O corpo, central no trabalho de MJO, é simultaneamente ferramenta e sujeito, e gera uma ligação entre o humano e a natureza primordial. Através do seu uso, MJO explora questões complexas relacionadas com identidade, género, poder, memória e quotidiano. Ao mesmo tempo, o corpo é na sua obra quase sempre uma invocação. Raramente aparece por inteiro, antes é apresentado fragmentado, sempre como uma ausência ou uma metáfora. Um corpo-fantasmagórico.

A condição de construção é capital na prática desta artista. Este corpo é arquitetado por elementos que se associam, que confluem, justapõem e dialogam. Construído por vazios, por fluídos, tensões e equilíbrios, onde a ideia de risco é iminente, em perigo constante de ruir ou derramar. Um corpo que abre fendas, que racha, que seca, que se estilhaça, que desaparece. Como escreve Ana Godinho, MJO propõe 'uma arqueologia estranha e impossível', porque a vida acontece nessa fragilidade, nesse limite invisível e incerto entre a estabilidade e a ruína.

Nas suas obras, MJO parece convocar uma ideia de intemporalidade. O tempo dobra-se nas suas esculturas, o passado mais ancestral e o por vir encontram-se na superfície dos panos crus, do leite no topo da mama-vulcão, nas marcas do corpo ausente. As suas obras abrem assim um hiato no conceito de linearidade e propõe uma nova temporalidade. Propõe também um encontro com a obra de arte que saí do seu lugar aurático e que se torna presente, viva, simultaneamente precária e profundamente refinada.

Descer à cisterna e encontrar este *Corpo-contentor* é sondar o interior do corpo, entrar no centro do mundo onde as transmutações são mais impetuosas, é procurar um corpo inscrito em cada objeto, sentir a vida e a sua pulsão, e sair para sonhar com o tempo do mito e com a alquimia da matéria.

The bare feet on the ground, covered with muddy earth, red, heavy, walk on a raw cloth. They dance, run, walk over their previous steps. Feet that carry the weight, the body, all humanity, that carry now the past and the future. Feet that settle on the earth, that feel its pulsing, its energy and vitality. Feet that discover the cave, that search for the volcano, that find the origins. These are the feet that welcome us and show us the way down to the Cistern, where we find a conical-shaped sculpture in raw clay containing immaculately white milk. A breast full of mother's milk, at the height of fertility. A breast-container, generator of life. A source of transformation and regeneration: of the bodies that feed on it and that are transformed by it. At the centre of the earth is this Body-container by Maria José Oliveira (MJO), which summons us to an encounter with the (female) ancestral-body, origin-body, mother-body, nourishing-body, ritual-body, shamanic-body.

The body, central to MJO's work, is both tool and subject, and generates a connection between the human and primordial nature. Through its use, MJO explores complex issues related to identity, gender, power, memory and everyday life. At the same time, the body is in her work almost always an invocation. It rarely appears in its entirety, rather it is presented fragmented, always as an absence or a metaphor. A ghostly-body.

The condition of construction is capital in this artist's practice. This body is architected by elements that are associated, fused, juxtaposed and in dialogue. They are built by voids, fluids, tensions and balances, where the idea of risk is imminent, in constant danger of collapsing or spilling out. A body that opens fissures, that cracks, dries, shatters, that disappears. As Ana Godinho writes, MJO proposes 'a strange and impossible archaeology', because life happens in that fragility, in that invisible and uncertain limit between stability and ruin.

In her works, MJO seems to convoke an idea of timelessness. Time bends itself in her sculptures, the most ancestral past and the yet-to-come are found on the surface of the raw cloths, of the milk on top of the volcano-breast, in the

marks of the absent body. Her works thus open a hiatus in the concept of linearity and propose a new temporality. She also proposes an encounter with the work of art that leaves its auratic statue and becomes present, alive, simultaneously precarious and profoundly refined.

To descend into the cistern and encounter this *Body-container* is to probe the interior of the body; to enter the centre of the world where transmutations are more impetuous; to seek a body inscribed in each object, to feel life and its force, and to go out to dream of the time of myth and with the alchemy of matter.